

## Os azulejos do Pinhão Um Douro a azul e branco

Sofia Lage<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo a autora revela-nos a história do processo que levou à construção do conjunto de azulejos que embelezam a estação de caminho-de-ferro do Pinhão, concelho de Alijó, considerada por muitos como uma das estações mais bonitas do país. A partir de um conjunto documental a que teve acesso nos arquivos do Instituto do Vinho do Porto, Sofia Lage revela-nos quem foi o mentor do projeto, bem como a forma, as técnicas e a instituição que estiveram na base para a sua execução.

### 1. Introdução

Em 1998/99, no ano final da licenciatura em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a Professora Regina Anacleto, orientadora da tese final, propõe-me, perante a minha clara indecisão, realizar um trabalho sob o tema dos azulejos das estações de caminho de ferro. A proposta não me pareceu particularmente desafiante ou apaixonante, mas lembrei-me de uma estação que me havia ficado na memória desde a infância – a Estação do Pinhão.

Conheci os painéis da estação do Pinhão graças a uma viagem que fiz com a minha avó e irmão. De Mirandela ao Porto, entre cestos de merenda e a amabilidade sincera partilhada com nacos de pão, o Pinhão foi uma surpresa e a confirmação da beleza de uma paisagem que já havíamos antecipado entre o corredor estreito do Tua e se materializava no seu encontro com o leito do Douro. Considerada a “estação mais bonita do Douro”, já me havia surpreendido na infância – e a ela regressei, 20 anos depois, com outro olhar e maturidade<sup>2</sup>.

### 2. O azulejo de fachada

O gosto e adoção pelo azulejo de fachada generalizou-se como elemento decorativo, mas igualmente construtivo, em pleno período romântico, cujo gosto eclético encontrava neste suporte a versatilidade necessária para a sua semântica estética.

Dentro desta tolerância eclética, houve um grande disseminação de painéis decorativos de caráter ornamental figurativo, relacionados, muitos deles, com as atividades económicas. Nesta linha, são característicos deste período estético a produção de tipo historicista e nacionalista que enfatizou temas etnográficos, ou episódios históricos, mais ou menos fantasiosos, de cenas e figuras típicas que agradavam a um gosto tradicional com aspirações aristocratizantes.

A Companhia dos Caminhos de Ferro filia-se neste movimento nacionalista, com a produção de obras de arquitetura ao gosto do “estilo nacional”, que interpreta a “casa portuguesa” idealizada por Raul Lino – uma arquitetura com gosto romântico rural, em que o azulejo é um elemento decorativo.

<sup>1</sup> Historiadora da Arte, Museóloga.

<sup>2</sup> Lage, Sofia Sequeira, *O Douro de Alvão nos Azulejos do Pinhão*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1999.



Fig. 1 Azulejos Estação do Pinhão “Cestos típicos do Douro”



Fig. 2 Azulejos Estação do Pinhão “Uma Quinta no Ferrão”



Fig. 3 Azulejos Estação do Pinhão “Condução para o Lagar”

Fig. 4 Azulejos Estação do Pinhão “Uma Pousa”

Os autores que mais se destacaram por esta altura foram Jorge Colaço e Leopoldo Battistini. Jorge Colaço com trabalhos de grande envergadura, como o átrio da estação de São Bento ou as estações de Vale de Peso, Castelo de Vide, Marvão-Beirã, Lousã, Évora, Beja ou Vila Franca de Xira - a maioria realizados na Fábrica Lusitânia. Leopoldo Battistini com painéis em Castelo de Vide, Elvas e Fronteira, pela Fábrica Constância.

Muitas outras estações ficam a cargo de fábricas ou autores com menores recursos. As estações da Granja (1914), Aveiro (1916) e Ovar (1919), feitos na Fábrica da Fonte Nova pelos pintores Licínio Pinto e Francisco Pereira. Os mesmos pintores serão os responsáveis pela estação de Avanca (1929) para a ELA (Empresa de Louça de Aveiro). A estação de Rio Tinto é de Alves de Sá e a Fábrica Sant’Anna assina as estações de Vila Viçosa, Santiago do Cacém (1931), Sines (1934), Sendim, Miranda-Duas Igrejas e Caminha. À Fábrica Viúva Lamego devemos as estações de Vilar Formoso e Estremoz (1940) e a Fábrica Battistini-Maria de Portugal assina a estação de Pinhal Novo (1938). À Fábrica Aleluia, de Aveiro,

são atribuídos os painéis das estações de Santarém (1927), Aguda (1940) e Pinhão (1937). Todas elas assumem uma linguagem e estética comum, com painéis a azul e cercaduras barrocas ou “pseudo-rocaille” policromas, ou enquadramentos mais simples de inspiração Arte Nova. Em composições mais, ou menos, rebuscadas, com painéis artísticos, ou simples composições padronadas, as estações de Caminho de Ferro assumem esta corrente estética, onde a decoração de “bilhete-postal” apresenta, ao viajante, cenas da vida quotidiana local e pontos de interesse que se constituem como cartão de visita e roteiro com pendor marcadamente propagandístico, que cultiva a visão emergente da “dignidade rural”. E a estação do Pinhão não irá fugir a esta estética.

### 3. A estação do Pinhão

Terá sido a 1 de Junho de 1880 que a linha férrea chega ao Rio Pinhão. Até à data, o local não era mais que um embarcador da frota de barcos rabelos, que aí escoavam a produção de algumas quintas vizinhas. Por esta altura, a pequena povoação vê-se

invadida pelas vagas que chegam e partem ao som do apito da roga para a vindima – crescendo o número de botequins e pequenos comércios de ocasião para dar resposta a esta população pendular.

Com a chegada do macadame, e das vias que unem esta povoação a Alijó e Sabrosa, o núcleo consolida-se. Miguel Torga, na *Vindima*, diz desta freguesia existir “uma capital deste feudalismo disperso; uma polarização urbana do tresmalho murado de cada senhor: meia dúzia de casas banais, uma estação com azulejos que reproduzem em mísero a grandeza do cenário e adegas sombrias cavadas no chão como furnas – o Pinhão! O cósmico e cosmopolita Pinhão!”.

Em 1926 o “cosmopolita” Pinhão expede uma média de 640 toneladas em gv (grande velocidade) e 13430 toneladas em pv (pequena velocidade) e tem uma regulação de cerca de 36000 passageiros. A única estação que o supera em volume de tráfego é a estação do Peso da Régua.

Talvez pela centralidade da estação e pelo seu grande tráfego, em 1934, a Comissão da Junta de Freguesia solicita à Direção Geral da Companhia

de Caminhos de Ferro diversos melhoramentos – sendo um dos principais e prioritários a iluminação elétrica. O então Presidente da Junta de Freguesia do Pinhão, António Manuel Saraiva, avança com a proposta de, por altura desses melhoramentos, patrocinarem a aplicação dos painéis decorativos na fachada.

António Manuel Saraiva exprime a vontade de decorar a estação com painéis desde cedo, por admirar as estações que via no percurso que fazia regularmente para o Porto para visitar a sua filha, Lucília Lobo. Foi a própria filha quem confidenciou esse desejo do pai, recordando – ou justificando – esta sua intenção.

No entanto, a aplicação dos painéis de azulejos decorativos é rejeitada pela Companhia de Caminhos de Ferro e seria o Instituto do Vinho do Porto (IVP) a assumir essa empreitada. Terá sido o Major Soeiro, a pedido do Engenheiro José da Costa Lima, diretor do Instituto recém-criado para a proteção e divulgação da produção vitivinícola do Douro, a liderar todo o processo – desde a escolha dos temas,

à fábrica a contratar, para realização do trabalho, como à própria aplicação.

#### 4. O Instituto do Vinho do Porto

Em 1935 o Instituto do Vinho do Porto remete carta à Companhia de Caminhos de Ferro, declarando assumir o trabalho de embelezamento com painéis, a aplicar na fachada da estação do Pinhão. O Instituto assume esse trabalho, consciente também que o mesmo se enquadra na sua missão.

Criado em 1933, o Instituto terá por objetivos a promoção e defesa nacional e internacional da marca “Porto” e a propaganda do setor. A aplicação dos *panneaux* na estação do Pinhão concorrerá para essa divulgação no “coração do Douro”. O embelezamento da estação servirá um propósito estratégico de propaganda e comunicação de marca, que justifica o investimento e “uma decoração condigna com motivos de propaganda de uma das maiores riquezas do nosso país”.

Em Agosto de 1936, o Instituto envia à Companhia de Caminhos de Ferro as 20 fotografias selecionadas para constarem nos painéis - previamente selecionadas pelo Engenheiro Soeiro, entre o levantamento encomendado à Casa Alvão do Porto.

O Instituto do Vinho do Porto solicitou à Companhia que se encarregasse da adjudicação da obra (tendo por referência os azulejos de Rio Tinto por Alves de Sá), ao que esta responde, referindo não ter tido qualquer interferência na adjudicação dos painéis de Rio Tinto, nem costumar “ocupar-se desses assuntos”, pelo que deveria o Instituto tratar diretamente dessa produção.

E é assim que, após aprovados os temas/fotos selecionadas, e a abdicação de interferência no processo por parte da Companhia de Caminhos de Ferro, o Instituto passa a liderar projeto, tomando medidas imediatas - pede orçamento e esboços a “pessoa competente”, sendo a empresa contactada a Fábrica Aleluia de Aveiro.

#### 5. A Fábrica Aleluia

A Fábrica Aleluia, inicialmente Fábrica dos Santos Mártires, foi fundada por um grupo de jovens ope-

rários, provenientes de diversos setores da Fábrica Fonte Nova, que se instalam por conta própria. Mais tarde, em 1906, a sociedade inicial, estabelecida no largo homónimo, desfaz-se - ficando João Aleluia como único responsável e mantendo-se os restantes sócios como operários. Em 1917 João Aleluia transfere a unidade fabril para a Rua da Fonte Nova e, em 1922, assume a designação de “Fábrica Aleluia”.

Para esta fábrica trabalharam alguns dos nomes mais relevantes da produção artística em cerâmica, com destaque para Licínio Pinto. É em 1936 que a Fábrica é contactada pelo Instituto do Vinho do Porto e, a 10 de outubro desse ano, envia orçamento “de harmonia com as notícias do Exmo. Sr. Tenente José da Rocha Soeiro (...) para o revestimento com painéis de azulejos de parte do edifício da estação (...), a arte da frente da linha e duas frentes laterais”. O orçamento de 11.800\$00 é aceite, ficando a Fábrica Aleluia responsável pela elaboração dos painéis. A fábrica entrega a Lourenço Limas e João Oliveira essa responsabilidade.

#### 6. Os artistas cerâmicos

João Oliveira, de nome João Marques Oliveira, foi admitido na Fábrica a 5 de Dezembro de 1920 e tinha a categoria de pintor cerâmico de 1.<sup>a</sup> (função que viria a desempenhar até dia 3 de outubro de 1945). Lourenço Rodrigues Limas foi admitido a 25 de abril de 1927 e foi o responsável pela secção de pintura de painéis até se reformar, a 30 de dezembro de 1977.

É de ambos a autoria dos 14 painéis encomendados inicialmente.

Lourenço Limas assina os painéis com as cartelas “Rio Douro. Pinhão”, “Estação Viti-Vinicola”, “Uma Pousa”, “Barco Rabelo”, “Condução para o Lagar”, “Cachão da Valeira” e “Rio Douro”. Assinados por João Oliveira identificam-se os painéis “Pinhão”, “Vindimando” e “Vindimadeira”. Os restantes painéis não têm assinatura - supõe-se que, em virtude do restauro entretanto efetuado pela Companhia de Caminhos de Ferro, em parceria com o Instituto do Vinho do Porto.

Após a encomenda inicial de 14 painéis, apenas em 1937, seria realizada uma nova encomenda para

a produção dos 10 painéis restantes e fronteiros ao largo da estação. Uma vez mais, seria o IVP a assumir essa empreitada, após dedução do valor de colocação de painéis vulgares (o único valor assumido pela Companhia de Caminhos de Ferro).

No total, os 24 painéis de azulejos, representaram um investimento do IVP de 15.700\$00.

Os painéis da estação do Pinhão são painéis recortados com cercadura policroma de gosto barroco, com motivos pintados a azul, sobre base cerâmica em pó de pedra. As cercaduras - herança setecentista de representação cenográfica - são compostas por pilastras laterais rematadas por volutas de inspiração jónica. Na parte inferior, uma cartela enquadra a legenda do painel, e, na parte superior, um ornato decorado com cachos de uva e folhas de videira remata a composição. Os elementos decorativos vegetalistas são inspirados na produção vitícola da região, que, formando festões, animam toda esta moldura. Estas cercaduras e elementos integrados, permitem uma métrica e consistência estética que será adaptada ao tamanho de cada nembro (espaço ocupado pelos painéis), sem grande alteração do equilíbrio compositivo. Estas molduras foram desenhadas pelos pintores encarregues pela execução dos painéis - os mestres Lourenço Limas e João Oliveira - e em novembro de 1936 é enviado o “*croquis* aguarelado do esboço para ornamentação dos painéis” para o IVP dar parecer quanto à sua qualidade. O parecer do IVP é favorável e serão estas as ornamentações que irão enquadrar os painéis tipo “bilhete postal” idealizados pelo Instituto. Para o efeito, o IVP viria a selecionar de entre as fotografias que tem da região, da Casa Alvão (levantamento encomendado por este Instituto à conhecida e já conceituada Casa).

#### 7. As provas da Casa Alvão

Foram as provas selecionadas pelo Major Soeiro que serviram de base aos painéis, por via de projeção e transferência, sendo as fotografias utilizadas como modelo decorativo. Esta técnica permite uma



Fig. 5 Azulejos Estação do Pinhão “Costumes do Douro”

cópia muito fiel do motivo base. Os artistas cerâmicos apenas afinavam e corrigiam a perspectiva, numa transposição formal da fonte iconográfica para outro suporte. Dos saís de prata para a cerâmica. Do preto revelado, para o azul cobalto. Neste sentido, Lourenço Limas e João Oliveira resumiram a sua intervenção a essa transposição e aplicação técnica. Assim, da análise da composição dos painéis emergiu uma reflexão sobre a autoria material da composição dos clichés que estiveram na sua origem, numa perspectiva iconológica e iconográfica, que nos remete para a produção fotográfica e para o olhar do fotógrafo.

A Fotografia Alvão é fundada em 1901 por Domingos Alvão, antigo aprendiz de Emílio Biel, no mesmo local da escola Photo-Velo-Club (no n.º 120 da Rua de Santa Catarina, no Porto). Com um trajeto ascendente, a casa fundada por Alvão ganha prestígio e angaria prémios nacionais e internacionais. Domingos Alvão é muito apreciado como retratista e passa a ser requisitado pela alta sociedade e burguesia portuense. O seu prestigiado percurso acompanha a curiosidade pública por este processo que, começa a ser encarado mais do que um mero processo mecânico... mas um processo artístico onde a composição e a sensibilidade do fotógrafo são fundamentais.

A par da sua produção em estúdio, Domingos Alvão publica com grande assiduidade a sua visão telúrica da ruralidade em diversas publicações. *A Ilustração Portuguesa* viria a transformar essas imagens em ícones populares de beleza nacional, num elogio às figuras rústicas, aos costumes do norte, à simplicidade pitoresca, numa composição pictórica muito especial.

Estas composições eram cuidadosamente cenografadas e o naturalismo pictórico da sua corrente artificialmente estudado. O seu método torna Alvão, o seu olhar e composição, facilmente identificáveis.

Por esta razão, e de forma natural, Domingos Alvão e a Casa que lidera, tornam-se progressivamente na imagem ao serviço da ideologia emergente. É o “Olhar Alvão”. É o olhar da pobreza digna e da salubridade rural. É o olhar da natureza enquadradora e de uma estética que eleva e quase intelectualiza a “simplicidade” campestre.

Em virtude desta estética e do alinhamento com os princípios estéticos e de encomenda da propaganda coeva, a casa Alvão é solicitada para uma série de levantamentos fotográficos. É em 1933 que o IVP encomenda à Casa Alvão um levantamento exaustivo da região demarcada do Douro e das suas atividades económicas. Durante anos, a equipa de Domingos Alvão (muito provavelmente contando já com a coordenação próxima do seu sócio Álvaro Cardoso de Azevedo), sobe e desce montes e serras, assistindo à atividade vitivinícola (da plantação da vinha à vindima, da carregação ao desembarque em Gaia) e “vive o Douro”. E é deste levantamento que surgem as imagens dos painéis da Estação do Pinhão.

### 8. O espólio Alvão e os álbuns IVP

Perante a documentação encontrada sobre o processo de encomenda dos painéis, consciente da intervenção direta do IVP na encomenda, porque a missão deste Instituto era comunicar a marca “Porto”, percebemos, e defendemos, que a fonte iconográfica dos painéis poderia estar na posse ou contar no espólio do IVP.

No Instituto, e graças à disponibilidade das técnicas que me facultaram o acesso aos álbuns (que em 1999 ainda não estavam digitalizados), onde estavam as fotografias do espólio resultante desta encomenda à Casa Alvão, encontrei cada uma das fotos, cada um dos clichés, que foram utilizados para a reprodução cerâmica – todos eles (com exceção de um painel), hoje devidamente digitalizados e catalogados com base nos álbuns iniciais e disponíveis para consulta.

### 9. Da fotografia aos painéis

O critério de seleção das fotos enviadas para reprodução em azulejo destacava o seu “merecimento artístico” e estavam divididas em 4 grupos temáticos: paisagens em redor do Pinhão; Quintas do Douro; Apanha/atividade vitivinícola e Carregação.

Nas paisagens, o destaque vai para a grandiloquência do Douro, dos socalcos, do serpentear do rio. Em alguns casos, como os painéis legendados



Fig. 6, 7 e 8 Panorama do Pinhão, a fotografia panorâmica é dividida em dois painéis de azulejos. Foto: Autoria Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão). Coleção Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P. (FA10-V0051)

como “Panorama”, a fotografia panorâmica é dividida em dois painéis.

Nas quintas, destacam-se os socalcos ponteados pelas vinhas e a exploração liderada pela casa que rege a propriedade.

A composição figurativa típica de Alvão está mais presente nas composições e painéis figurativos que retratam a lavoura. Nestes painéis a “roga”, a faina da vindima tem a encenação estética e romântica das composições de Domingos Alvão – perdendo o caráter documental de outras chapas.

As figuras das vindimadeiras são enquadradas cenograficamente pela natureza arrebatadora. O olhar, os lenços, o xaile, o sorriso, passam a ser símbolos iconográficos e identitários de uma ruralidade digna e orgulhosa. Servem a construção de um certo olhar. Um olhar lavado de miséria, fome ou necessidade.

Na Carregação vemos painéis dedicados à condução do Vinho (desde o transporte das pipas aos barcos rabelo).

De todos os painéis, o único que não tem fonte iconográfica específica é o intitulado “Costumes do Douro”. Este painel, não assinado, apresenta dois podadores “chanceiros”, do termo de Chancelos – uma aldeia da freguesia de Covas. Coloquei a hipótese deste painel ter sido executado por um aprendiz,





Fig. 9 e 10 “Vindimando na Quinta da Foz”. Foto: Autoria Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão). Coleção Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P. (FA14-V0161)



Fig. 11 e 12 “Bois atravessando o Rio Douro junto ao Pinhão”. Cargação de vinho do Porto. Foto: Autoria Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão). Coleção Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P. (FA17-V0023)



pela sua qualidade no tratamento dos pormenores. A autoria deste painel poderá ser atribuída ao artista João Salgueiro (que entrou para a Aleluia em 1931) tendo em conta a análise da folha de serviço da fábrica. Também poderá ser provável que, com base noutras fotos do levantamento da Casa Alvão - onde encontrei diversas fotos dedicadas a estes podadores com as croças de palha - os artistas tenham optado por uma interpretação e adaptação inspirada, mas não transposta, com base numa fotografia específica.

## 10. Conclusão

Os azulejos da estação do Pinhão são verdadeiros bilhetes postais, janelas parcelares da imensidão do Douro, da sua iconografia e orografia. São transposição a azul da imagem assinada pela Casa Alvão e pelo seu “olhar” - um “olhar” que assume os nacionalismos coevos e as propagandas emergentes.

Os painéis são o retrato que cristaliza no nosso imaginário uma ruralidade romântica e encenada. É um testemunho etnográfico retocado pela sensi-



Fig. 13 e 14 “Vindimadeira Quinta do Bom Retiro”. Foto: Autoria Álvaro Cardoso de Azevedo (Casa Alvão). Coleção Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P. (FA17-V0023). Painel de azulejos da Estação do Pinhão “Vindimadeira”.

bilidade pictoralista do fotógrafo e instrumento de marca. Verdadeiros cartões de visita parietais, este painéis registam a melancolia bucólica de um passado construído, que teve nas estações de caminho de ferro o seu suporte e um dos expoentes máximos da produção de azulejo artístico no século XX.

## Fontes iconográficas

Fotografias base dos painéis e as referências na catalogação do IVP.

Painel “Rio Douro Visto de São Salvador do Mundo” - Pasta FA 7/V 64, IVP.

Painel “Panorama do Pinhão” - Pasta FA 10/V 51, IVP (foto com legenda “Panorama do Pinhão”. Montagem de clichés cuja primeira parte é a encosta retratada no painel).

2 Painéis “Panorama do Pinhão” - Pasta FA 7/ 96, IVP (montagem de clichés cuja partes foram a fonte iconográfica para os dois painéis intitulados “Panorama do Pinhão”).

Painel “Rio Douro no Pinhão” - Pasta FA 5/V 75, IVP (foto com legenda “A serpente do Douro - Pinhão”).

Painel “Panorama do Pinhão” - Pasta FA /V 59, IVP.

Painel “Cachão da Valeira” - Pasta FA 7/V 59, IVP (foto com legenda “Cachão da Valeira”).

Painel “Vale do Pinhão” - Pasta FA 7/94, IVP (foto com legenda “Vale do Rio Pinhão”).



Painel “Estação Viti-Vinicola do Douro” - Pasta FA 5/ 181, IVP (foto com legenda “Quinta de Santa Bárbara. Estação Viti-Vinicola - Pinhão”).

Painel “Uma Vinha Pinhão” - Pasta FA 5/ 105, IVP (foto com legenda da foto “Uma vinha Pinhão”).

Painel “Uma Quinta no Ferrão” - Pasta FA 5/V 47 (foto com legenda da foto “Panorama da Quinta do Crasto - Ferrão”).

Painel “Condução para o Lagar” - Pasta FA 14/V 18, IVP (foto com legenda “Condução d’uvas para o lagar - Regoa”).

Painel “Vindimadeira” - Pasta FA14 / 160, IVP (foto com legenda “Vindimadeira - Quinta do Bom Retiro. Rio

Torto. Pinhão).  
 Painel “Vindimadeira” – Pasta FA 14/V 10, IVP (legenda da foto “Vindimadeira – Quinta do Bom Retiro. Pinhão”).  
 Painel “Vindimando” – Pasta FA 14/N.º 161, IVP (Legenda da Foto “Vindimando na Quinta da Foz Pinhão”).  
 Painel “Cestos Típicos do Douro” – Pasta FA 14/V 6, IVP (legenda da foto “Cestos com Uvas – Quinta de Ventozelo – Pinhão”).  
 Painel “Uma Pousa” – Pasta FA 14/V 14, IVP (foto com legenda “Cestos Cheios – Quinta do Crasto – Pinhão [rasurado]”).  
 Painel “Pinhão” – Pasta FA 17/V 23 (foto com legenda “Condução de Vinho do Porto – Rio Pinhão”).  
 Painel “Carregação de Vinho – Pinhão” – Pasta FA 17/123, IVP (foto com legenda “Barcos Rabelos carregando Vinho do Porto – Pinhão, Douro”).  
 Painel “O Vinho do Porto”, Porto Instituto do Vinho do Porto, 1998 (5ª edição), p. 131.

#### Fontes documentais

*Actas da Junta de Freguesia do Pinhão.*  
*Pasta Pinhão, Instituto do Vinho do Porto.*  
*Fábrica Aleluia.*  
*Dossier Alvão.*

#### Bibliografia geral

– (1984): *A Cidade do Porto na Obra do Fotógrafo Alvão (1872-1846)*. (Porto: Fotografia Alvão).  
 – (1953): *Anais do Instituto do Vinho do Porto, Figuras e Factos Alto-Durienses*. (IVP).  
 – (1926): *Monografia das Estações e Esboço Corográfico da Zona atravessada pelos Caminhos de Ferro do Minho e Douro*. (Lisboa: Imprensa dos Caminhos de ferro do Estado).  
 – (1992): *O Vinho do Porto. Fotografias de Domingos Alvão (1871-1946), Emílio Biel (1838-1915), Guedes de Nogueira (1865-1932) e Autores Anónimos* (Catálogo) (Porto: Imago Lucis Fotogaleria), Junho.  
 – (1998): *O Vinho do Porto. Notas sobre a sua História Produção e Tecnologia*. (Porto: Instituto do Vinho do Porto).  
 – (1934): *PORTUGAL 1934*. (SPN).

ALMEIDA, F. Luis (1989): Al-Zulaich. *As estações de Caminho de Ferro*. (Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos).  
 AMORIM, Sandra Araújo de (1996): *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*. (S. L.: S/edidor).  
 BARRETO, António (2001): *Douro*. (Lisboa: Edições Inapa).  
 CALADO, Rafael Salinas (1986): *Azulejo. 5 Séculos de Azulejo em Portugal*. (Lisboa: Edição dos Correios e Telecomunicações).  
 CORREIA, Azevedo de (s/data): *O Douro Maravilhoso*. (s/editor).  
 COSTA, A. L. Pinto da (1997): *Alto Douro Terra de Vinho e de Gente*. (Lisboa: Cosmos Editora).  
 LOUREIRO, José Carlos (1962): *O Azulejo. Possibilidades da sua reintegração na arquitetura portuguesa*. (Porto: ESBAP).  
 MECO, José (1985): *Azulejaria Portuguesa*. (Lisboa: Bertrand).  
 – (1989): *O Azulejo em Portugal*. (Lisboa: Edições Alfa).  
 MELO, Daniel de (1996): “Turismo”, *Dicionário de História do Estado Novo*, Direção de Fernando Rosas e J. M. Brandão, Volume II. (Venda Nova: Bertrand Editora).  
 NERY, Eduardo (1996): “Azulejos em Fachadas”. *Cerâmicas*, Ano II, N.º 9, Outubro/Novembro. Caldas da Rainha.  
 NEVES, Amaro (1985): *Azulejaria Antiga em Aveiro*. (Aveiro: Edição de Autor).  
 Ó, Jorge Ramos do (1996): “Secretariado de Propaganda Nacional SPN/SNI/SEIT”, *Dicionário de História do Estado Novo*, Direção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Volume II. (Venda Nova: Bertrand Editora).  
 PEIXOTO, Rocha (1901): “Uma Iconografia popular em Azulejos”, *Portugalia*, Tomo I, fasc. 3.º Porto.  
 RODRIGUES, Manuel Ferreira (1990): “A Indústria Cerâmica em Aveiro”, *Revista Portuguesa de História*, XXV. FLUC/Instituto de História Económica e Social. Coimbra.  
 ROSAS, Fernando (1995): “O Estado Novo (1926-1974)”, *História de Portugal*, Direção de José Mattoso, VII Volume. (Lisboa: Editorial Estampa).  
 SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno (1998): *Azulejos. Arte e História*. (Lisboa: Edições Inapa).  
 SENA, António (1991): *Uma História de Fotografia*.

(Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda).  
 SIMÕES, J. M. dos Santos (1974): “Azulejaria Romântica”, *Estética do Romantismo em Portugal*. (Lisboa: Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário).  
 SIZA, M. Tereza (1995): *O Douro de Domingos Alvão*. (Coimbra: Secretaria de Estado da Cultura. Encontros de Fotografia).  
 TORGA, Miguel (1967): *Portugal*. (Coimbra), 3ª edição (revista).  
 – (S/data): *Vindima*. (Coimbra), 4.ª edição (revista).

#### Publicações periódicas

“A Exposição de Fotografias Artísticas d’Alvão no Salão da Ilustração Portuguesa”, *Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 454, 15 de junho de 1914.  
 “As bodas de Ouro da Fotografia Alvão” (1952): *O Primeiro de Janeiro*, Porto, Ano 44º, 1 de Janeiro de 1952.  
 “Fotografia Alvão” (1903): *Diário da Tarde*, Lisboa, 14 de março de 1903.  
 “Vida Artística. As Fotografias de Alvão (...)” (1914): *O Mundo*, Lisboa, Ano XIV, 10 de Junho.  
 BALSA, Albano (1943): “Alto-Douro”, *O Pinhão*, Jornal comemorativo da Fundação da Freguesia do Pinhão.  
 BARBOSA, Alberto (1913): “Figuras do Porto. A Arte e a Fotografia”, *O Mundo*, Lisboa, Ano XIV, n.º 4763, 10 de dezembro de 1913.  
 CARDOSO, A. (1959): “Um dia histórico para o Pinhão”, *A Voz de Trás-os-Montes*, Vila Real, 1 de fevereiro 1959.  
 COUTINHO, António (1943): “O Pinhão e o Caminho de Ferro”, *O Pinhão*, Jornal Comemorativo da Fundação da Freguesia do Pinhão.  
 GUIMARÃES, Alfredo (1913): “Na Foz do Douro”, *Ilustração Portuguesa*, 2ª Série, n.º 400, 2 de junho.  
 – (1913): “A mulher da Maia”, *Ilustração Portuguesa*, 2ª Série, n.º 401, 9 de junho.  
 TELES, José Tavares (1983): “António Manuel Saraiva. Um Autarca dos anos 30”, *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 26 de Setembro.  
 – (1983): “O Pinhão em dez anos”, *O Pinhão*, Jornal Comemorativo da Fundação da Freguesia do Pinhão.  
 – (1983): “O Pinhão e o Caminho de Ferro”, *O Pi-*

*nhão*, Jornal Comemorativo da Fundação da Freguesia do Pinhão.  
 – (1983): “O Instituto de Vinhos do Porto assumiu “os gastos necessários”, *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 26 de Setembro.  
 – (1983): “De como a estação ferroviária do Porto ficou a mais bonita da linha do Douro”, *O Arraís*, Régua, 29 de Setembro.  
 VELOSO, Joaquim (1981): “O Fotógrafo Alvão e as Suas Pupilas”, *Colóquio/Artes*, Lisboa, 51, 2ª série / 23º ano, FCG.